

MUROS APIÁRIOS NA GALIZA INTERIOR: OS ALVARES DO CAUREL

Apiarian Walls of Inside Galicia: the “alvares” of Caurel

Lois Ladra e Xúlia Vidal ¹



Palavras-chave: muros apiários; alvares; Galiza; Caurel; mel.

Key words: apiarian walls; alvares; Galicia; Caurel; honey.

¹ Lúnula, Servizos Profesionais de Patrimonio Cultural e Arqueoloxía (lunulapatrimonio@gmail.com)

Resumo

Apresenta-se um estudo preliminar dos “*alvares*” ou muros apiários da freguesia de Seceda do Caurel (Folgozo do Caurel, Lugo, Galiza). Acompanha esta apresentação uma achega historiográfica sobre os estudos relativos aos muros apiários no Noroeste Ibérico e mais concretamente na Galiza, onde as primeiras referências bibliográficas significativas podem ser recuadas no tempo até à década de vinte do passado século.

Realiza-se uma breve aproximação à história da apicultura na Galiza, sobre a base das fontes documentais medievais e modernas, assim como dos estudos previamente publicados. Por outro lado, também se referem pormenorizadamente numerosas questões filológicas e toponímicas de importância para o estudo da apicultura galega.

O contexto geográfico da área objecto de estudo focaliza-se numa freguesia das denominadas *Serras Orientais* da Galiza, zona montanhosa com substrato geológico predominantemente xistoso e clima oceânico húmido.

O contexto etnográfico de Seceda do Caurel situa-se plenamente no marco das denominadas sociedades rurais pré-modernas da Europa Ocidental, actualmente em fase de profunda transformação e grave crise demográfica.

Caracterizam-se genericamente estes muros apiários – vários dos quais ainda se encontram no activo - como estruturas pétreas com plantas preferentemente subcirculares ou subovaladas, alçados de considerável altura, sem tecto e realizadas em alvenaria de pedra seca.

Indica-se a localização topográfica dos *alvares* e as coordenadas UTM dos mesmos, assim como a sua situação actual, em grave risco de colapso funcional e perda patrimonial.

Abstract²

This paper presents a preliminary study of apiary walls from the parish of Seceda (Folgozo do Caurel, Lugo, Galicia). The presentation is contextualised through a historiographic approach to

² Tradução de Marcos Martinón-Torres e Andrew May.

previous studies of apiary walls in Northwestern Iberia in general, and Galicia in particular, where the first significant references date back to the 1920s.

In addition to a brief outline of the history of bee-keeping in Galicia which is based upon medieval and modern documentary sources, we will also discuss in detail a number of philological and toponymic issues which are relevant to the study of bee-keeping in Galicia.

The geographic focus is confined to a parish of the so-called *Eastern Mountain Ranges* of Galicia, a mountainous area with a geological substrate dominated by schist and a humid, oceanic climate.

The ethnographic context of Seceda do Caurel lies fully within the framework of so-called pre-modern rural societies of Western Europe, which are currently undergoing profound changes and a serious demographic crisis.

These apiary walls or *alvares* – several of which are still in use – are stone structures of subcircular or suboval plans and considerable height, without roofs, and made in dry-stone masonry.

The paper includes information on the topographic location of the *alvares* and their UTM coordinates, as well as their current state of preservation – frequently in high risk of collapse with the subsequent loss of heritage.

*“Ollo o ceo mouro cun medo antergo.
Torna a abella ao trobo.
A anduriña cingue o voo.
Van as nebras do trono nun son agoreiro...”*
Uxío Novoneyra, *Os Eidos 2*, 1974

“Non hai gabanza que non mereza o mel do Caurel”
Ánxel Fole, *Á lus do candil*, 1953

Introdução

O estudo genérico dos muros apiários da Galiza conta actualmente com uma longa tradição historiográfica, de que poderíamos destacar principalmente os trabalhos de Fritz Krüger (1947), Xaquín Lorenzo (1962), José Ramón Fernández (1978), Begoña Bas (1980 e 1983), Pedro de Llano (1983), Manuel Caamaño (1999 e 2003) e Elíxio Rivas (2009). Porém, a análise específica da apicultura tradicional apenas foi levada a cabo por Clodio González (1989) no município lucense de Návía de Suarna, nas Serras Orientais. Com este pequeno contributo pretende-se dar a conhecer uma ínfima parte das centenas de muros apiários da Serra do Caurel, concretamente alguns dos que ainda hoje existem na freguesia de S. Silvestre de Seceda, no concelho de Folgoso do Caurel, a Leste da província de Lugo.

Os trabalhos de prospecção arqueológica desenvolvidos nos finais da década de setenta do passado século deram lugar a uma publicação em que as estruturas murárias de pedra erigidas em alvenaria de xisto foram recuadas no tempo, pelo menos, até aos primeiros séculos da nossa era, correspondentes ao fenómeno histórico que tradicionalmente tem sido designado como “Romanização” (LUZÓN et al., 1980). As posteriores escavações no Castro da Torre de Sobredo, em que um de nós (L. L.) teve a oportunidade de participar durante três campanhas consecutivas nos anos 1993, 1994 e 1995, vieram caracterizar melhor os denominados *castros mineiros galaico-romanos* do Caurel, onde as construções de planta subcircular se manifestaram coevas das de formas subquadrangulares (ÁLVAREZ, 1995-96). Foi precisamente durante os meses que duraram as escavações arqueológicas no Castro da Torre que começámos o estudo dos muros apiários do Caurel. As informações foram recolhidas em cadernos de campo, ao mesmo tempo que se fez uma atenta pesquisa bibliográfica sobre os colmeais tradicionais.

1. Achega historiográfica aos muros apiários da Galiza

Tal como já referimos anteriormente, a imensa maioria dos estudos relativos aos muros apiários galegos constituem uns poucos parágrafos no marco de amplas monografias vocacionadas para pesquisas mais alargadas de temática etnográfica, filológica ou arquitectónica. Embora este texto esteja redigido em português, optámos por respeitar as nomenclaturas galegas originalmente empregues pelos autores consultados, assim como os termos referidos oralmente pelos nossos informantes, usando para o efeito a forma de letra cursivo. Por outro lado, face à frequente alternância toponímica entre as formas *Caurel* e *Courel*, optámos cientemente pela primeira delas por ser a mais antiga constatada na documentação medieval e a mais usada espontaneamente pelos próprios vizinhos desta serra.

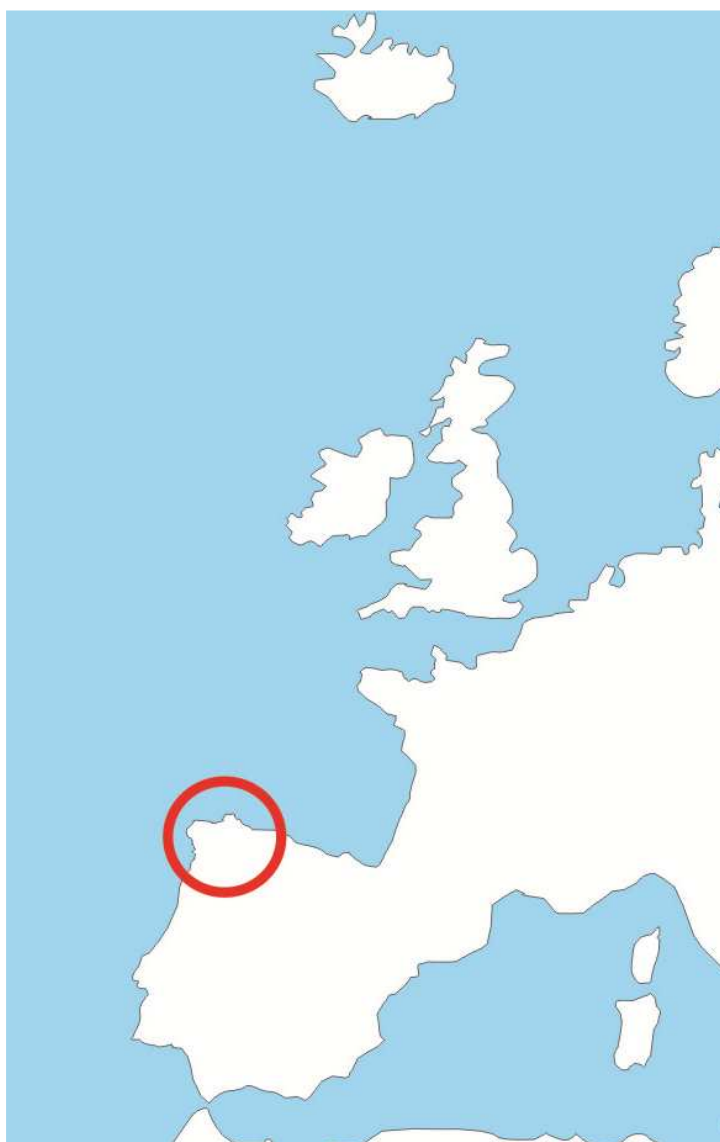


Figura 1. Localização geográfica da Galiza no marco da Europa Atlântica.

As primeiras referências textuais de carácter científico sobre os muros apiários das Serras Orientais da Galiza podem-se encontrar nas pesquisas de campo relativas às *brañas* que o investigador alemão Fritz Krüger começou em 1927. Os resultados deste labor foram publicados mais de vinte anos depois e neles afirma-se que “*en la zona astur-galaica la colmena tiene la típica forma de un recinto mural circular u ovalado cuya analogía con las formas primitivas de la casa es sorprendente*” (KRÜGER, 1949: 64).

Paralelamente a este trabalho de campo tomaram-se as primeiras fotografias realizadas com o propósito de registar graficamente diversas realidades etnográficas. Estas imagens foram captadas por fotógrafos profissionais de filiação estrangeira. Assim, por exemplo, sabemos que Ruth Matilda Anderson fotografou numerosas construções tradicionais das Serras Orientais em Janeiro de 1925, embora no catálogo da sua obra recentemente publicado não pudessemos constatar visualmente a presença de muros apiários (AA. VV., 2009). Seja como for, é muito possível que entre os milhares de negativos conservados nos arquivos da *Hispanic Society of America* exista algum que recolha as *alvarizas* galegas. Por outro lado, dos finais desta década de vinte datam as magníficas fotografias dos muros apiários galegos e asturianos realizadas por Walter Ebeling e que hoje podem ser contempladas graças a uma recente monografia sobre este fotógrafo (AA. VV., 2003: 144, n.º 80; 145, n.º 81; 184, n.º 118).

Assim, podemos comprovar que as primeiras referências textuais e fotográficas às *alvarizas* galegas devem-se quase exclusivamente a investigadores estrangeiros de filiação germânica ou norte-americana, que repararam nestas singulares construções vernáculas do Noroeste.

Posteriormente e até a década de oitenta, os trabalhos relativos às colmeias tradicionais da Galiza demonstraram uma preocupação principal de carácter marcadamente filológico e linguístico, deixando à margem as questões arquitectónicas ligadas à análise e descrição dos muros apiários. Neste contexto temos que referir os estudos que foram publicados por Fritz Krüger (1947), Xaquín Lorenzo (1962) e Xosé Ramón Fernández (1978).

O primeiro estudo minimamente sério sobre as *colmeas* galegas é o que aparece recolhido na obra de Fritz Krüger intitulada *El léxico rural del Noroeste Ibérico*. Embora traduzida para castelhano e publicada pelo CSIC em 1947, os trabalhos de campo relativos a esta investigação

tinham sido desenvolvidos inicialmente durante a década de vinte, período em que o texto também foi publicado originalmente em língua alemã e mais concretamente na revista *Wörter und sachen*, sob o título “Die Nordwestiberische Volkskultur”. Infelizmente, ao recolher o vocabulário relativo à apicultura, o sábio alemão não referiu qualquer informação referente aos muros apiários da Galiza, das Astúrias ou de Leão.

O seguinte estudo objecto do nosso interesse é o segundo volume da *História de Galiza*, dirigida por Ramón Otero Pedrayo e publicada em 1962 pelos galegos exilados da ditadura franquista em Buenos Aires. Este tomo, genericamente intitulado *Etnografía. Cultura material*, foi assinado por Xaquín Lorenzo e nele trata-se brevemente do aproveitamento antrópico dos produtos ligados às abelhas, designadamente do mel e da cera. Depois de desenhar e descrever sumariamente uma *albariza* da Terra de Lalim (Pontevedra) o autor explica pormenorizadamente os labores humanos relacionados com estas construções, ao mesmo tempo que recolhe uma variada nomenclatura apiária (LORENZO, 1962: 146 e 328-331).

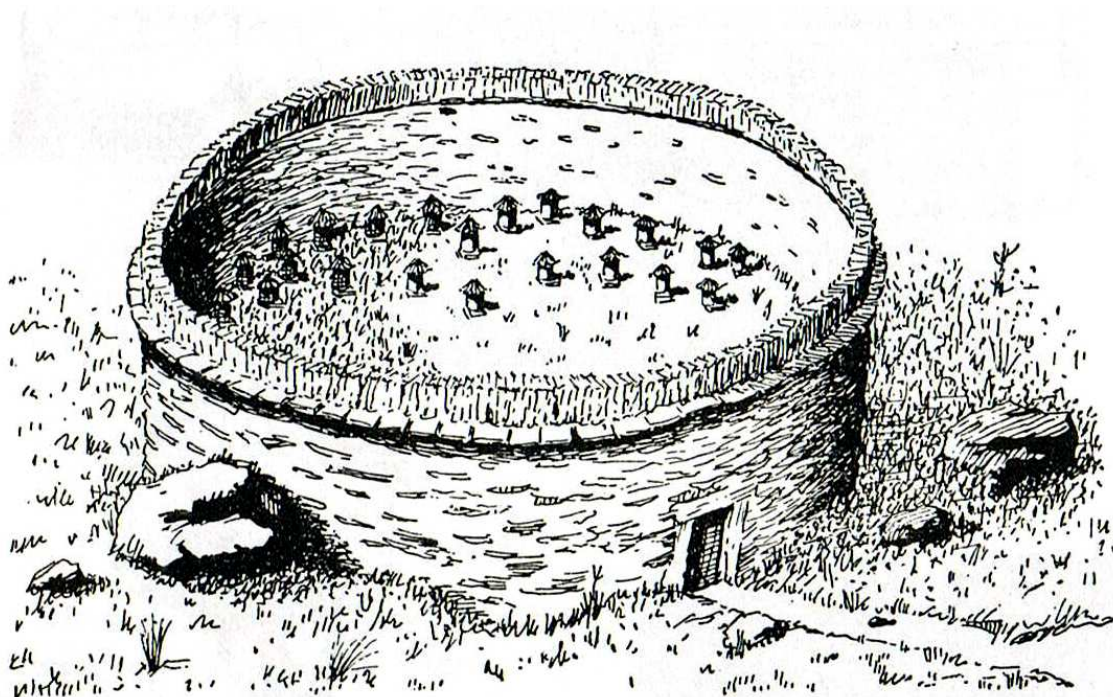


Figura 2. Alvariza da Terra de Lalim (Pontevedra)(fonte: X. Lorenzo, 1962).

Com posterioridade a este trabalho, o filólogo José Ramón Fernández (1978: 210-213), ao estudar globalmente o léxico do Val de Ancares, recua aos tempos da Romanidade o uso dos *trobos* ou *cortizos*, citando os *corticibus* referidos por M. Terenti Varronis, ainda que ele próprio evite por completo a descrição dos muros apiários, que não trata em absoluto.

A partir da década de oitenta e até ao momento actual, os estudos sobre a cultura tradicional do mel na Galiza começaram a tratar com certo pormenor as estruturas arquitectónicas construídas para proteger as colmeias, destacando-se neste labor as obras de Begoña Bas (1980 e 1983), Pedro de Llano (1983), Clodio González (1989), Manuel Caamaño (1999 e 2003) e Andrés Sanpedro (2003).

Begoña Bas refere a existência de muros apiários em várias zonas galegas: *Lalín*, *Courel*, *Trevinca* e *Corme*. A descrição genérica que faz destas estruturas foi exposta nos seguintes termos: “*En xeral, están formadas por un muro duns dous metros de alto, circular ou ovalado, dentro do que se gardan as colmeas; constan dunha porta e a miúdo levan no cume unhas lousas para facer capiado; non están cubertas, sendo soamente o muro o único elemento que as forma. (...) As albarizas están orientadas ó nacente ou ó mediodía, pois as abellas precisan sol para ter no interior unha temperatura alta*” (BAS, 1980: 81). Para além da tipologia clássica das *alvarizas* esta autora refere as *abellarizas do Roncudo*, que descreve sumariamente como muros apiários abertos, de três lados rectos unidos em ângulo formando um “C”, dotados de coberta à base de telha de canudo. Apenas três anos depois esta autora reiterará literalmente num novo trabalho a citada descrição, acompanhando-a de dois desenhos e uma fotografia que introduz uma nova tipologia: o *valado*, que consistiria basicamente num muro apiário de desenvolvimento recto, usado como divisório de prédios (BAS, 1983: 151-154).

O arquitecto Pedro de Llano descreveu sumariamente a *alvariza*-tipo como “*un recinto de planta circular, ovalada ou incluso rectangular (...) orientada ao nacente ou ao mediodía, cunha base que, ou mantén a inclinación da ladeira, ou conta cun escalonamento interior que lle permite obter o máximo soallamento. Os seus muros, de entre dous e tres metros de altura, construídos cunha cachotería en seco de lousas de xisto, contan como únicos elementos destacábeis cun capiado superior feito con lousas de maior tamaño para evitar a entrada dos animais (...), algunha cousela para gardar o material de mantemento da albariza, e máis unha pequena porta de acceso para os seus coidadores*” (LLANO, 1983: 361). Acompanham o citado texto duas fotografías e um desenho com a planta e o alçado de uma *alvariza*.

O etnógrafo Clodio González Pérez aporta sempre nos seus trabalhos numerosas informacións de carácter histórico, documental, etnológico, económico, arquitectónico e filológico. O estudo destaca-se polo seu rigor metodológico e pola súa grande calidade expositiva, aínda que non contenga un inventario das *alvarizas* do municipio lucense de Navía de Suarna, que sería o máis deseñable nunha monografía focada no estudo dun único concello. Seja como for, o certo é que as fontes históricas consultadas por este autor indican que nos meados do século XIX se tiñan contabilizado nestas terras un total de 3.282 *trobos* ou colmeias, datando do século XIX os últimos muros apiários aquí construídos (GONZÁLEZ, 1989: 24-28).

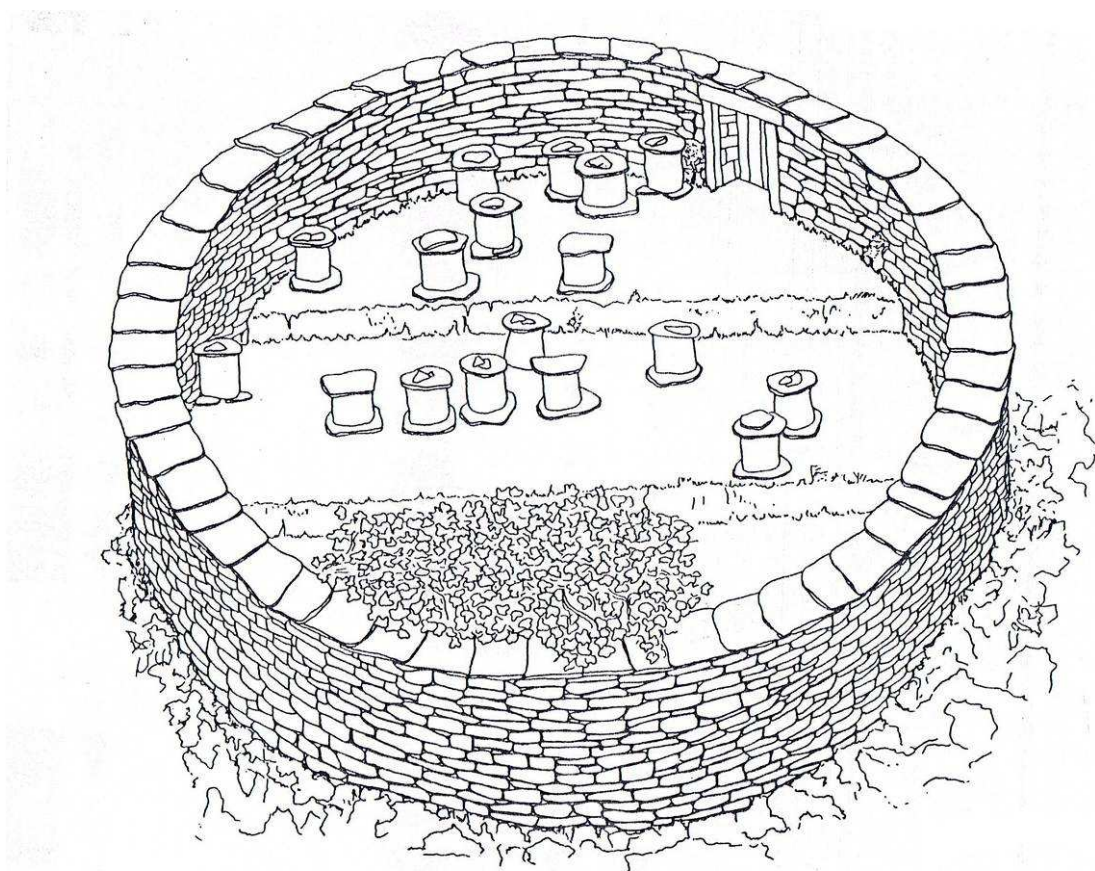


Figura 3. Cortín dos Ancares (Lugo)(fonte: C. González, 1989).

Este destacado investigador, apenas dois anos máis tarde, publicou a magnífica monografía intitulada *Aproximación etnográfica á cultura material da montaña lucense*, na qual ofrece un pormenorizado estudo dos *cortiños* ou muros apiários da Serra dos Ancares. Clodio González assinala acertadamente que as orixens destes muros apiários son descoñecidas, embora a súa

funcionalidade principal esteja claramente ligada ao propósito de impedir que os ursos acessem às colmeias protegidas no seu interior. O texto inclui um estudo da apicultura tradicional, a pormenorizada descrição destas estruturas e das suas principais características arquitectónicas, assim como uma análise detalhada dos *trobos* ou colmeias, dos enxames e dos processos de extracção e comercialização do mel e da cera (GONZÁLEZ, 1991: 297-308).

Ao estudarem a sociedade e a tecnologia tradicional do Val de Ancares, os etnógrafos Xosé Manuel González Reboredo e Clodio González Pérez dedicaram um capítulo específico da sua obra à apicultura nesta zona concreta da Galiza oriental. Contrariamente ao defendido por estes autores (GONZÁLEZ e GONZÁLEZ, 1996: 373), consideramos que a ausência de referências específicas ao mel e à cera no *Diccionario* de Pascual Madoz não implica necessariamente a escassa importância da apicultura nas Serras Orientais da Galiza.

O arquitecto Manuel Caamaño retoma o estudo dos muros apiários galegos, alargando a sua presença às terras de *Caldelas*, *Valdeorras*, *Viana do Bolo*, *Soneira* e *Xallas*. As descrições apuram a qualidade ao mesmo tempo que se refere uma nova tipologia própria das zonas mais norocidentais: as denominadas *lacen*as das abellas. As *lacen*as consistem em pequenos nichos praticados nos muros das casas-vivenda ou de certas construções auxiliares, fechados frontalmente por uma *lousa* de pedra dotada dum pequeno orifício de entrada e saída (CAAMAÑO, 1999: 74-76).

O antropólogo Xosé Ramón Mariño Ferro apenas resume ordenadamente os diferentes dados publicados até aos finais do século XX sobre as abelhas e os muros apiários da Galiza, oferecendo uma visão sistemática e sintética deste tema, sem aportar novidade alguma a este respeito (MARIÑO, 2000: 106-109).

O arquitecto e professor universitário Manuel Caamaño retomará na primeira década do século XXI e a partir dos trabalhos académicos de diversos alunos seus na *Escola Universitaria de Arquitectura Técnica* da Corunha o estudo genérico das *alvarizas* galegas. Nesta monografia, profusamente ilustrada, explicam-se os tipos básicos de *alvarizas* conhecidos na Galiza, a sua distribuição geográfica genérica e o seu processo teórico de construção (CAAMAÑO, 2003: 398-405).

O investigador Andrés Sanpedro incluiu um pequeno texto recompilatório sobre as *alvarizas* e os *cortins* no seu trabalho sobre as construções rurais em pedra seca da Galiza, informando da recente recuperação e valorização de vários muros apiários no município de Návía de Suarna (SANPEDRO, 2003: 877-878).

Finalmente, um dos estudos mais interessantes sobre a cultura tradicional do mel na Galiza é o de Elgijo Rivas, proporcionando uma grande quantidade de dados relativos a questões principalmente filológicas e toponímicas (RIVAS, 2009).

Até aqui a nossa particular achega historiográfica, que bem poderia ser resumida numa primeira etapa marcada por interesses claramente filológicos (F. Krüger, X. Lorenzo e X. R. Fernández) continuada posteriormente e até aos nossos dias por outra etapa na qual os investigadores focaram a atenção em aspectos mais propriamente etnográficos e arquitectónicos (Bas, Llano, González e Caamaño). Neste momento, desconhecemos a eventual existência de publicações que recolham trabalhos exaustivos e pormenorizados de inventário, catalogação e levantamento cartográfico ou arquitectónico dos muros apiários.

2. O nevoeiro do tempo: origem dos muros apiários da Galiza

Actualmente a origem histórica exacta das primeiras *alvarizas* galegas é ignorada. Porém, uma pequena pesquisa em documentos e publicações antigas pode aportar informação de certo interesse. *A priori*, o mais lógico seria pensar que as zonas montanhosas das Serras Orientais oferecem maiores possibilidades de ter sido o lugar de origem dos muros apiários galegos, hipótese razoavelmente coerente se pensamos que é aqui onde se regista ainda hoje o maior número de *alvarizas* de toda a nação e as de tipologias aparentemente mais arcaicas.

Já no denominado *Diploma do Rei Silo*, considerado por muitos especialistas como o documento peninsular mais antigo hoje conservado, refere-se a existência de um *mellarius* ou “meleiro” que por volta do ano 775 estava ligado a um cenóbio localizado no Nordeste da Galiza (GARCÍA, 2008). Deste modo, temos constância documental, já nestas datas altomedievais, da existência de uma pessoa encarregada especificamente do aproveitamento melífero, semelhante ao *mellitor* dos textos portugueses.

Posteriormente e ao longo dos séculos IX e X, outros documentos relacionados com os mosteiros de Atán (Lugo) e Celanova (Ourense) referem diversas informações relativas a *colminas* e *colmenas* (“colmeias”) exploradas normalmente por estes cenóbios (RIVAS, 2009: 7 e ANDRADE, 1995, doc. n.º 509, p. 704).

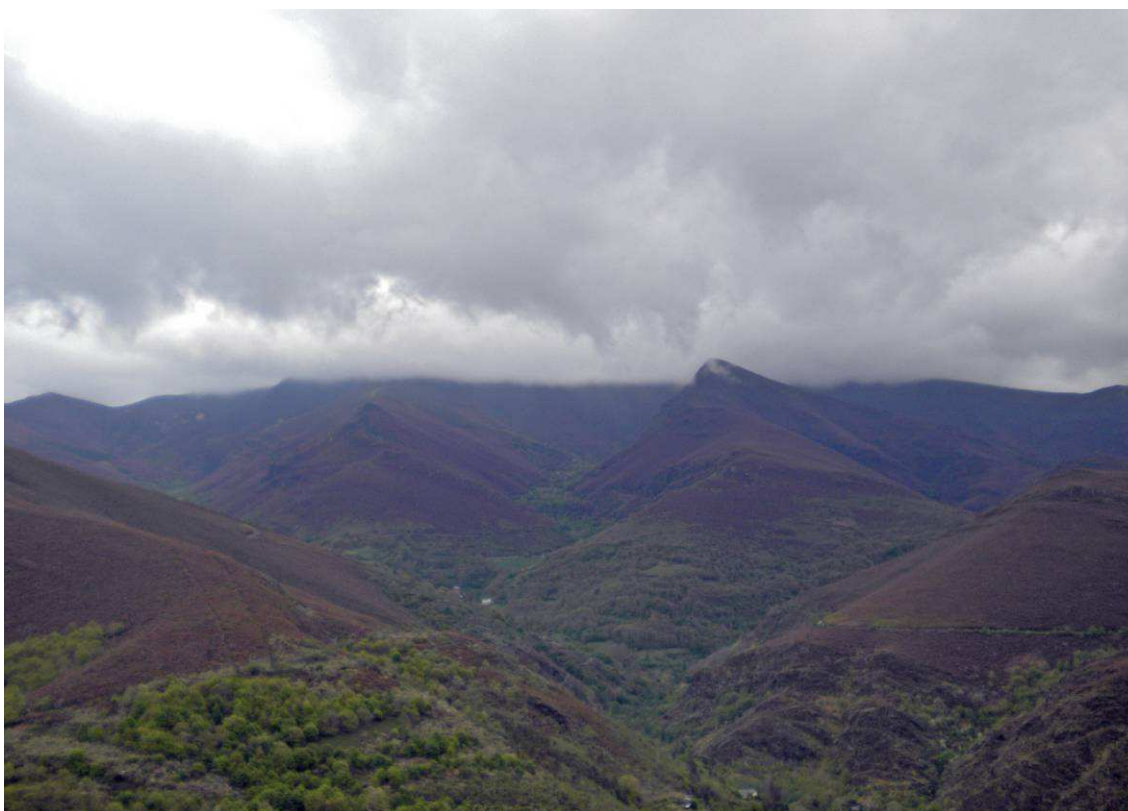


Figura 4. Paisagem típica da Serra do Caurel (Lugo) (fotografia de Lois Ladra).

As terras do Caurel estiveram durante muitos séculos sob a influência do poderoso mosteiro de Samos, em cujo tombo também encontramos referências às abelhas como possessões monásticas adquiridas por doação já no século X e mais concretamente num documento datado de três de Junho do ano 976, em que se citam literalmente “(...) *apes et oves et omnes suas adiunctiones* (...)”, [“abelhas e ovelhas e todas as suas adjunções”] (LUCAS, 1986, doc. n.º 61, p. 176). Deste mesmo ano data o *Cronicón Albeldense*, um códice hispânico em que o “*mel de Galicia*” é louvado como um dos géneros mais notáveis pelas suas extraordinárias qualidades (RIVAS, 2009: 8).

Parece que a nomenclatura relativa às unidades de exploração apiária ao longo de toda a Idade Média na Galiza se manifestou em três termos claramente diferenciados, embora muito próximos entre si: *colmena*, *aluariza* e *colmenario*. *Colmena* pode aparecer com as variantes *colmena*, *colmina*, *culmena* e *culmina*, sempre referido à colmeia individualizada como tal e nunca à estrutura arquitectónica eventualmente construída para proteger os enxames. Na opinião do filólogo Joan Corominas a origem da palavra *colmena* estaria provavelmente no vocábulo céltico *KOLMĒNĀ, derivado de KŌLMOS, significando este último “palha” (COROMINAS, 2000: 158, s. v. “colmena”).

No livro quinto do *Codex Calixtinus*, redigido nos princípios do século XII com o propósito de servir de guia aos peregrinos que viajavam para Compostela, indica-se ao falar genericamente da Galiza que nesta terra “(...) abunda en pan de centeno y sidra, en ganados y caballerías, en leche y **miel** y en grandísimos y pequeños pescados de mar” (MORALEJO et al., 1998: 523). Como resulta óbvio, a entrada na Galiza do Caminho Francês fazia-se através das Serras Orientais, ascendendo desde o Berço até ao monte do Cebreiro, em cujas encostas já na altura deviam existir numerosas colmeias.

O termo *Aluariza* (derivado do latim *alueus* “ventre” ou “colmeia”) não sempre designaria propriamente um muro apiário, embora hoje seja uma das palavras de uso mais comum para fazê-lo. Esta forma documenta-se pela primeira vez num texto do Tombo de Sobrado, datado do ano 1152. Por sua vez, *colmenario* tem sido interpretado como vocábulo locativo ou colectivo, relativo a um “*lugar creado expresamente para a protección das colmeas*” (VARELA, 2008: 207), recuando no tempo até ao ano de 1217, noutro documento do já citado Tombo de Sobrado. Assim, poderia afirmar-se que já na Idade Média e pelo menos desde os princípios do século XIII, temos constância na Galiza do que eventualmente poderiam ter sido os primeiros muros apiários ou *alvarizas*.

Nos meados do século XVIII foi confeccionado o denominado *Interrogatorio General* do *Catastro del Marqués de La Ensenada*, o qual consiste basicamente num conjunto de respostas que os padres recolheram em cada uma das freguesias inquiridas. Para o caso concreto da Galiza o etnógrafo Clodio González aproveitou esta importantíssima fonte documental e alguns estudos com ela relacionados para indicar a existência de 366.339 *trobos* ou *cortizos*, consoante as informações recolhidas na conhecida como *Única contribución* de 1752-53 (GONZÁLEZ, 1989: 24).

Na *Descripción Económica del Reyno de Galicia* redigida por Lucas Labrada e publicada no ano 1804 referia-se o facto de existir na cidade de Lugo “*dos fábricas de cera a donde se trabajan anualmente de 6 a 7 mil libras*”, o qual nos leva a pensar que a dita cera tinha que proceder necessariamente em grande parte das *alvarizas* das Serras Orientais lucenses, das quais nada de concreto se diz, embora se cite a presenza de “*osos en todas las [terras] que corren desde el concejo de Burón hasta la raya de la provincia de Orense*” (LABRADA, 1804).

No *Diccionario Geográfico-Estadístico-Histórico* publicado por Pascual Madoz em 1845 não se refere a existênciade muros apiários nem a produçãode mel ou cera em muitas das freguesias das Serras Orientais, embora seja mencionado, contudo, de uma forma muito pontual (MADOZ, 1845). Por outro lado, a *Geografía General del Reino de Galicia* dirigida por F. Carreras i Candi no primeiro terço do século XX também não aporta informações de interesse relativamente aos muros apiários (CARRERAS, s. d.). Em ambos os casos esta ausência de dados resulta no mínimo surpreendente, pois sabemos que a realidade histórica e económica destas terras era positiva no que respeita à exploração efectiva de colmeias.

Como iremos comprovar, infelizmente a maior parte das fontes históricas consultadas pouca informação oferecem sobre as colmeias e as *alvarizas* da Galiza, o que exige que no futuro se leve a cabo um trabalho específico de pesquisa bibliográfica e documental muito mais alargado do que a breve achega que agora expomos sumariamente.

A nível filológico e linguístico convém assinalar o facto de que entre as numerosas designações que os muros apiários recebem nas diversas terras da Galiza podemos destacar as seguintes formas, já recolhidas na bibliografia especializada: *abellarizas*, *abelleiras*, *alvares*, *alvarizais*, *alvarizas*, *alvizas*, *colmeais*, *colmeares*, *cortíns*, *cortiñas*, *cortiños*, *cortíus* e *oseiros*. Por outro lado, as colmeias podem ser designadas como *arnas*, *cepos*, *cobos*, *colmeas*, *cortizos*, *rucas* e *trobos*.

3. A toponímia dos muros apiários da Galiza

Os nomes de lugar podem ser muito úteis no momento de tentar fazer uma achega geográfica à importância específica de qualquer fenómeno de carácter económico, como é o caso da apicultura tradicional.

Assim, na Galiza encontramos mais de meia centena de macrotopónimos ligados às abelhas, todos eles recolhidos nos manuais clássicos sobre toponímia galega (MORALEJO, 1977 e CABEZA, 2008) e no *Nomenclátor* oficial publicado pela *Xunta de Galicia* (NOMENCLÁTOR, 2003).

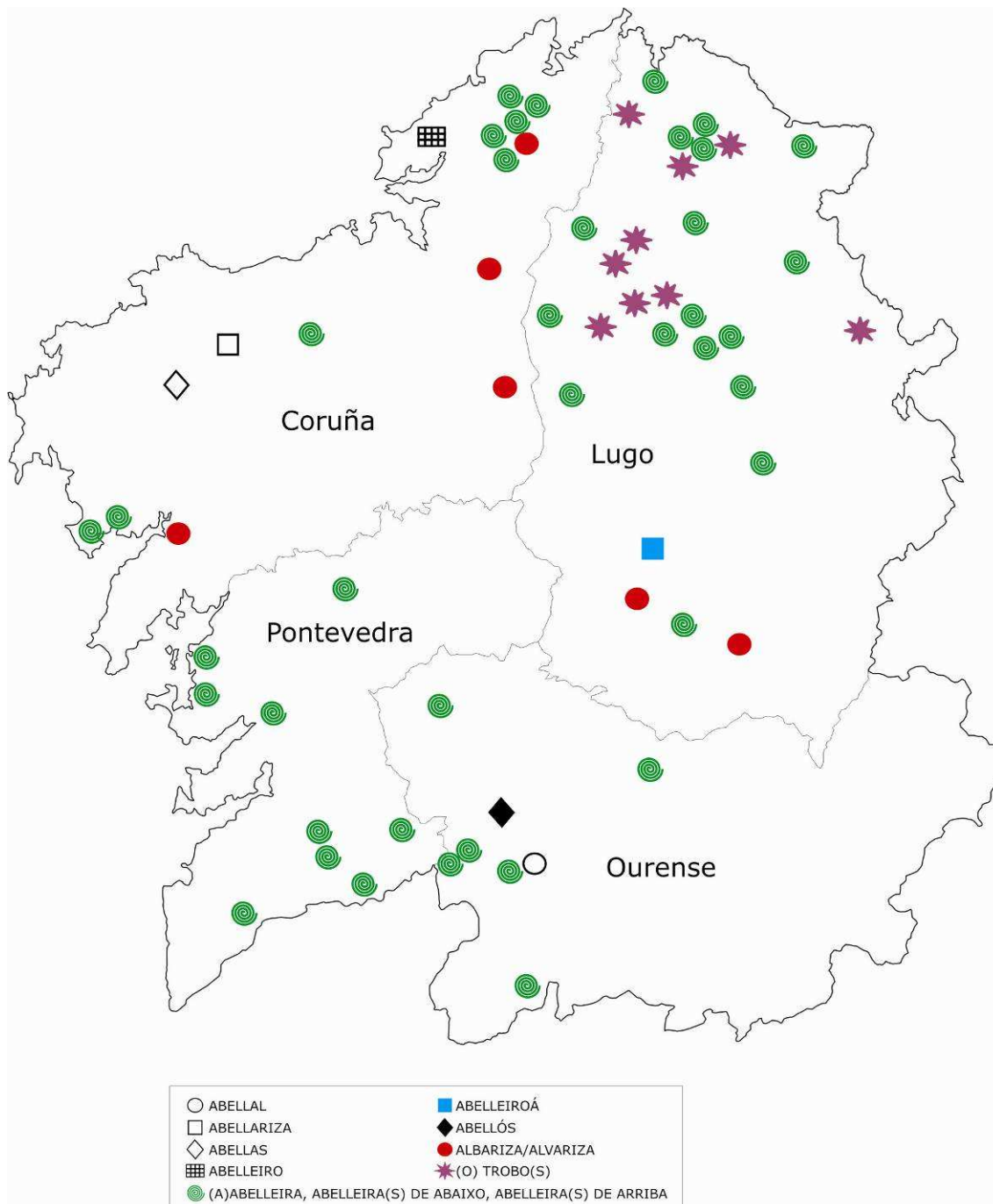


Figura 5. Distribuição geográfica dos macrotopónimos apiários na Galiza.

A maior parte dos topónimos apícolas têm origens pré-romanas ou latinas, derivando de vocábulos como *apiarium*, *apicula*, *apicularia*, *apicularicia*, *corticeus*, *kõlmos*... Seguidamente oferecemos uma relação sumária dos macrotopónimos apiários identificados ou não na Galiza, indicando entre parênteses o número de vezes que se repetem e a província em que se localizam: *Abellal* (1-OU), *Abellariza* (1-CO), *Abellas* (1-OU), *Abelleira* (5-CO, 15-LU, 3-OU, 4-PO), *Abelleira(s) de Abaixo* (1-CO, 1-LU, 1-OU), *Abelleira(s) de Arriba* (2-CO, 1-LU, 1-PO), *Abelleiro* (1-CO), *Abelleiroá* (1-LU), *Abellós* (1-OU), *Albariza* (3-CO, 2 LU), *Alvar* (0), *Alvarisa* (1-CO), *Alvariza* (1-CO), *Colmea* (0), *Cortín* (0), *Cortiño* (0) e *Trobo(s)* (9-LU). Temos, portanto, um total de cinquenta e seis macro-topónimos, com especial destaque para aqueles localizados em território lucense, que somam vinte e nove, mais da metade dos registados.

Se recorremos ao levantamento microtoponímico que actualmente ainda está a ser realizado pela *Xunta de Galicia* (disponível on-line, em Junho de 2010, em <http://toponimia.xunta.es/>), podemos inferir alguns dados provisórios de grande interesse. Assim, por exemplo, as formas *Abellas*, *Abelleira*, *Abelleira(s) de Abaixo* e *Abelleira(s) de Arriba* abrangem quase todo o território galego, enquanto *Abellal* e *Abellariza* têm uma distribuição marcadamente ocidental. Por sua vez, *Albariza* é um termo de presença mais oriental e *Alvariza* mais ocidental, oferecendo esta última forma uma destacada concentração litoral à volta da Ria de Muros-Noia. *A(s) Colmea(s)* focaliza-se nas regiões orientais do Eo-Navia e do ocidente da província de Ourense, enquanto *Cortín* e *Cortiño* predominam claramente na zona eonaviega e *Trobo* no nordeste lucense. Infelizmente, para as variantes *Alvar* e *Colmeia* não se documentaram quaisquer presenças microtoponímicas. Seja como for, convém lembrar que este levantamento ainda se encontra actualmente em processo de realização, razão pela qual convém que sejamos cautelosos antes de tirarmos conclusões demasiado precipitadas. Decerto no futuro poderemos realizar novas pesquisas deste tipo que venham a oferecer resultados muito mais apurados que os agora apenas sugeridos.

4. Seceda do Caurel: contexto geográfico e etnográfico

A freguesia de S. Silvestre de Seceda ou Seceda do Caurel é uma das nove que actualmente formam o município lucense de Folgoso do Caurel, localizado nas denominadas Serras Orientais da Galiza.

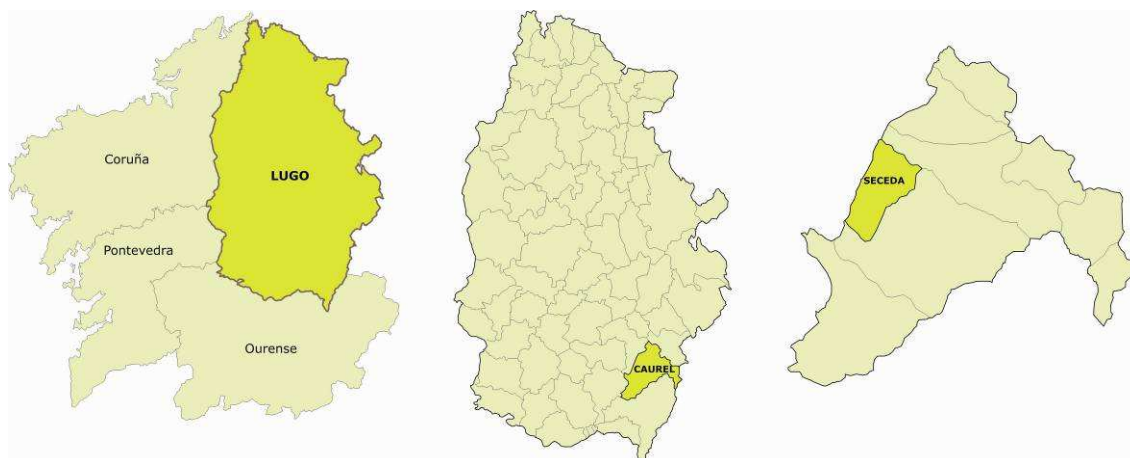


Figura 6. Localização administrativa da freguesia de Seceda do Caurel.

O substrato geológico aqui predominante é o dos xistos. O clima é oceânico de montanha, com temperaturas médias anuais de 8,2° C e um total aproximado de 1.900 mm. de precipitações pluviométricas. A vegetação é muito variada, com uma marcante gradação altimétrica, tendo uma destacada relevância para o estudo da cultura apícola tradicional a presença de numerosas espécies de flora melífera, entre as quais poderíamos citar as giestas e as urzes.

A freguesia de Seceda do Caurel apresenta três núcleos de povoação: Cortes, Lousadela e Seceda. Ocupa uma superfície de aproximadamente 13,42 km² e o recenseamento da povoação para o ano 2004 indicava que nela moravam um total de quarenta pessoas. Durante o nosso trabalho de campo, os vizinhos de Seceda informaram-nos que actualmente Cortes conta com um morador permanente, Lousadela com nenhum e Seceda com dez, embora durante o período estival a povoação de facto aumente consideravelmente. O núcleo de Seceda, localizado a uma altura relativa de 760-790 m.s.n.m. e recentemente submetido a um processo de restauro integral, foi declarado oficialmente BIC (“*Bem de Interesse Cultural*”) por decreto do Governo da Galiza do 3 de Julho de 1997, com a categoria específica de LIE (“*Lugar de Interesse Etnográfico*”).

A bibliografia etnográfica relativa às Terras do Caurel é ainda hoje muito escassa: apenas contamos com um breve artigo (REAL, 1983), uma monografia genérica do município (LÓPEZ, 1993), um estudo sobre os costumes locais (PARADA, 2007) e uma breve análise da cultura popular (GONZÁLEZ, 2010). Há quase trinta anos Carlos Alonso del Real anunciou a publicação

dos resultados de um amplo trabalho de campo sobre a antropologia destas terras que, infelizmente, nunca chegou a ser editado.

Entre os autores citados, apenas Jesús Afonso Parada oferece informações de interesse para o nosso estudo sobre os muros apiários do Caurel (PARADA, 2007: 37 e 256-258). Este investigador local afirma que existem diversas tipologias, com plantas arredondadas, quadrangulares e rectangulares, destacando a freguesia de Seceda como uma das áreas de maior concentração de “*albares*” de todo o Caurel. Infelizmente, as brevíssimas descrições arquitectónicas destes muros apiários resultam completamente insuficientes para os nossos propósitos.

5. Os *alvares* de Seceda. Descrição e caracterização geral

O inventário completo dos muros apiários do município de Folgoso do Caurel ainda não foi realizado. Contudo, calculamos que haja várias centenas de *alvares* conservados. A origem etimológica desta designação específica estaria relacionada com a forma latina *alveus* “ventre, colmeia”, da que também derivaria *alvariza* (RIVAS, 2009: 32).

Na freguesia de Seceda os termos mais frequentemente utilizados para referir os muros apiários e as colmeias são *alvares* e *trobos*, respectivamente. Contudo, também se conhecem localmente as formas *alvarizas* e *colmeias*.

Até aos meados do século XX era bastante frequente que cada casa tivesse o seu próprio *alvar*, com um número variável de colmeias no seu interior. A freguesia de Seceda chegou a contar com mais de uma centena de casas habitadas, razão pela qual o número de muros apiários ainda hoje conservados resulta tão elevado.

A análise das características construtivas dos *alvares* de Seceda foi realizada a partir do estudo e da observação directa da totalidade dos exemplares aqui referidos. Estes trabalhos de campo decorreram durante a Primavera do 2010 e constituem a base empírica do nosso estudo, junto com as entrevistas e conversas informais que foram mantidas com vários vizinhos de Seceda que ainda produzem e vendem mel na actualidade.

As designações identificativas que aqui lhes foram outorgadas aos *alvares* de Seceda respondem a uma nomenclatura ordenada de proximidade toponímica, consoante os dados recolhidos na cartografia a escala 1:25.000 e 1:5.000. A maior parte destes muros apiários encontra-se muito perto da estrada LU-P-1306, no seu percurso pelo território desta freguesia em direcção Oeste- Leste. A apresentação dos dados resume-se em três colunas, que indicam respectivamente o número de inventário, a designação específica de cada estrutura e as suas coordenadas UTM, directamente tomadas do sigpac (<http://sigpac.mapa.es/fega/visor/>), onde se podem confirmar facilmente on-line. De toda a informação recolhida nos trabalhos de campo aqui apenas se oferece um resumo qualitativo, tentando obviar desnecessárias reiteraões que pouco ou nada poderiam aportar às principais conclusões deste estudo preliminar. Sem pretendermos realizar um levantamento exaustivo e pormenorizado de toda a freguesia de Seceda do Caurel, podemos afirmar que numa superfície de aproximadamente 13,42 km². pudemos constatar a presença de um total de trinta e três *alvares*.

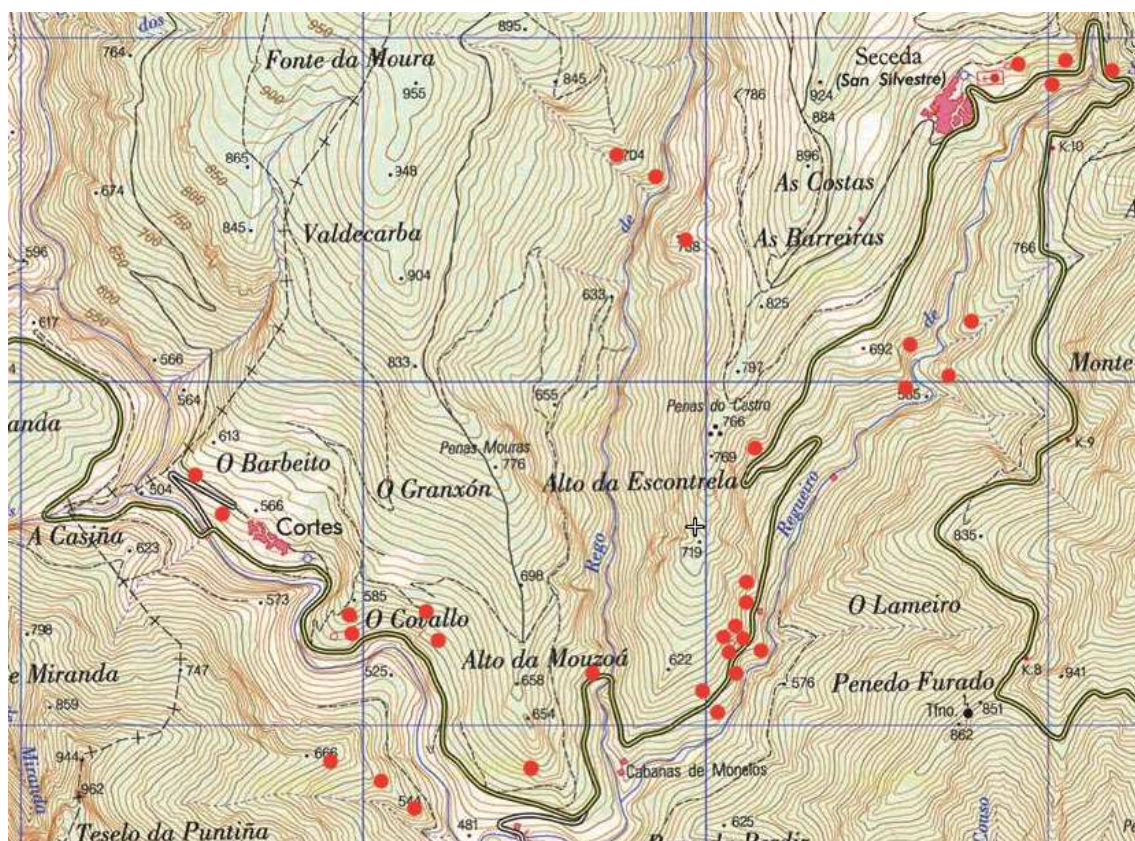


Figura 7. Localização de alguns dos *alvares* da freguesia de Seceda.

Quadro 1. Muros apiários da freguesia de Seceda do Caurel

01	O Barbeito I	X = 643.347	Y = 4.719.516
02	O Barbeito II	X = 643.436	Y = 4.719.436
03	O Covallo I	X = 643.854	Y = 4.719.098
04	O Covallo II	X = 643.861	Y = 4.719.059
05	O Covallo III	X = 644.028	Y = 4.719.115
06	O Covallo IV	X = 644.077	Y = 4.719.037
07	Teselo da Puntíña I	X = 643.794	Y = 4.718.669
08	Teselo da Puntíña II	X = 643.932	Y = 4.718.603
09	Teselo da Puntíña III	X = 644.038	Y = 4.718.525
10	Alto da Mouzoá I	X = 644.353	Y = 4.718.662
11	Alto da Mouzoá II	X = 644.538	Y = 4.718.921
12	Pena da Perdiz I	X = 644.869	Y = 4.718.853
13	Pena da Perdiz II	X = 644.887	Y = 4.718.812
14	Pena da Perdiz III	X = 644.955	Y = 4.719.023
15	Pena da Perdiz IV	X = 644.958	Y = 4.719.002
16	Pena da Perdiz V	X = 644.955	Y = 4.718.948
17	Pena da Perdiz VI	X = 644.979	Y = 4.719.058
18	Pena da Perdiz VII	X = 644.987	Y = 4.719.040
19	Pena da Perdiz VIII	X = 645.014	Y = 4.719.008
20	Pena da Perdiz IX	X = 645.014	Y = 4.719.135
21	Pena da Perdiz X	X = 645.006	Y = 4.719.183
22	Penas do Castro	X = 645.044	Y = 4.719.586
23	Seceda I	X = 645.760	Y = 4.720.689
24	Seceda II	X = 645.888	Y = 4.720.668
25	Seceda III	X = 645.927	Y = 4.720.725
26	Seceda IV	X = 646.056	Y = 4.720.678
27	Regueiro de Seceda I	X = 645.496	Y = 4.719.916
28	Regueiro de Seceda II	X = 645.638	Y = 4.719.941
29	Regueiro de Seceda III	X = 645.437	Y = 4.719.806
30	Regueiro de Seceda IV	X = 645.564	Y = 4.719.815
31	As Costas I	X = 644.798	Y = 4.720.159
32	As Costas II	X = 644.730	Y = 4.720.382
33	As Costas III	X = 644.616	Y = 4.720.451

Os *alvares* de Seceda caracterizam-se principalmente por serem construções em pedra de planta subcircular ou subovalada, realizadas com muros de duas faces de alvenaria seca à base de xisto, sempre sem telhado.

MUROS APIÁRIOS NA GALIZA INTERIOR: OS ALVARES DO CAUREL
Lois Ladra e Xúlia Vidal



Figura 8. Alvar de Regueiro de Seceda III (fotografía de Lois Ladra).

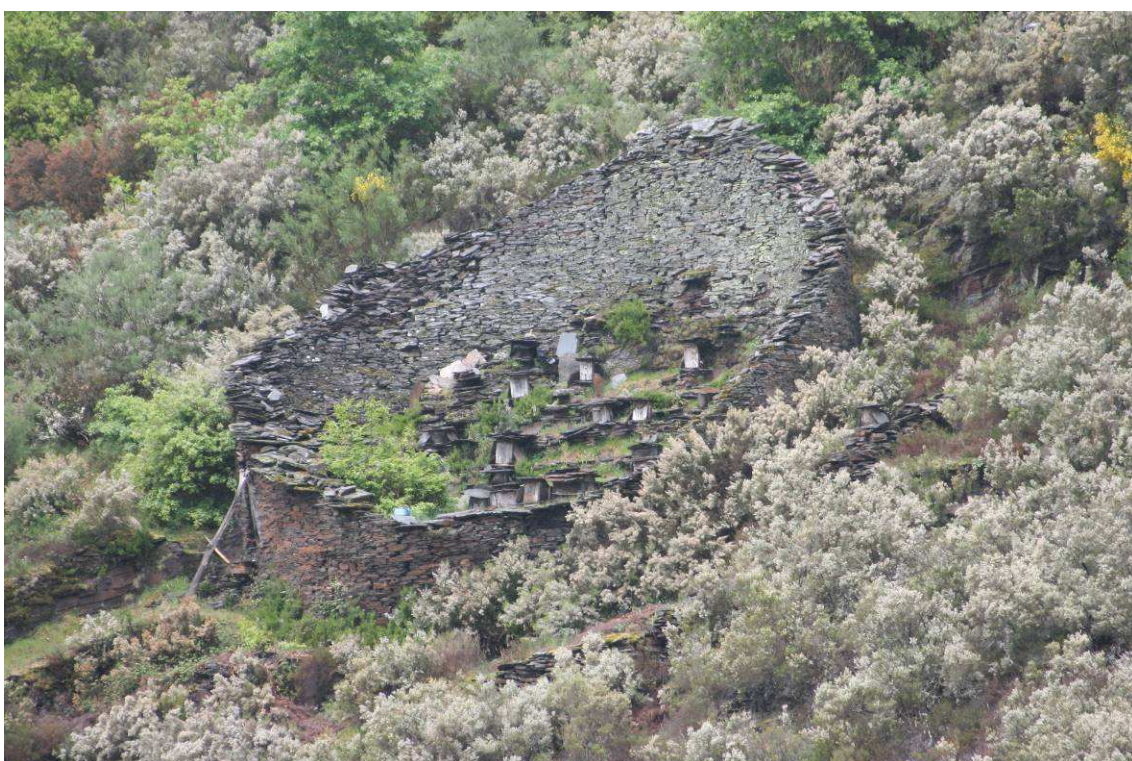


Figura 9. Alvar de O Covallo II (fotografía de Lois Ladra).

A implantação topográfica destes muros apiários é quase sempre abrupta, em íngremes encostas orientadas a nascente ou ao meio-dia. Podem aparecer isolados (*Pena do Castro*) ou formando agrupamentos de vários exemplares (*O Covallo* ou *Pena da Perdiz*). A largura dos muros oscila entre os 90 cm e os 120 cm (*Pena da Perdiz I*) e as paredes anteriores são quase sempre as mais elevadas, atingindo por vezes quase os quatro metros de altura (*Pena da Perdiz II*).



Figura 10. Pormenor da técnica construtiva: alvenaria de xisto em seco (fotografia de Lois Ladra).



Figura 11. Porta de acesso ao alvar de *Pena da Perdiz II*. (fotografia de Lois Ladra).

Qualquer pessoa que se aproxime de um alvar pode constatar quase sempre o facto de que, a partir do exterior, resulta completamente impossível ver as colmeias, por muito que insistamos e percorramos o perímetro murário. Os altos muros culminam em *bardas* salientes. O acesso ao interior realiza-se através de uma única porta de madeira, por vezes correspondente ao tamanho de uma pessoa (*O Covallo II* ou *Pena da Perdiz II*), ainda que também se documentam casos em que a sua abertura é muito menor, ao rés-do-chão (*Regueiro de Seceda III*) ou a meia altura (*Pena da Perdiz VII*).



Fig. 12. Detalhe das *reas* no interior do alvar O Barbeito II (fotografia de Lois Ladra).



Fig. 13. Detalhe dos salientes interiores do alvar Pena da Perdiz VI (fotografia de Lois Ladra).

A superfície interior dos *alvares* é relativamente ampla, como se constata, por exemplo, no muro apiário de *O Barbeito II*, com uns eixos máximos de 9,30 m x 9,00 m. No interior é muito frequente constatar a presença de vários patamares paralelos formando *reas* ou socalcos nos quais se colocam ordenadamente as colmeias. Noutros casos (*O Covallo II* ou *Pena da Perdiz VII*) também se documenta a presença de pequenos espaços interiores ou *casetos* cobertos de *lousas*, normalmente encostados à parede principal e destinados à armazenagem de alfaias e produtos apícolas. Para além destes pormenores construtivos convém ainda assinalar a existência quase sistemática de uma árvore fruteira no interior do *alvar*, plantada com o propósito de atrair as abelhas e os novos enxames.

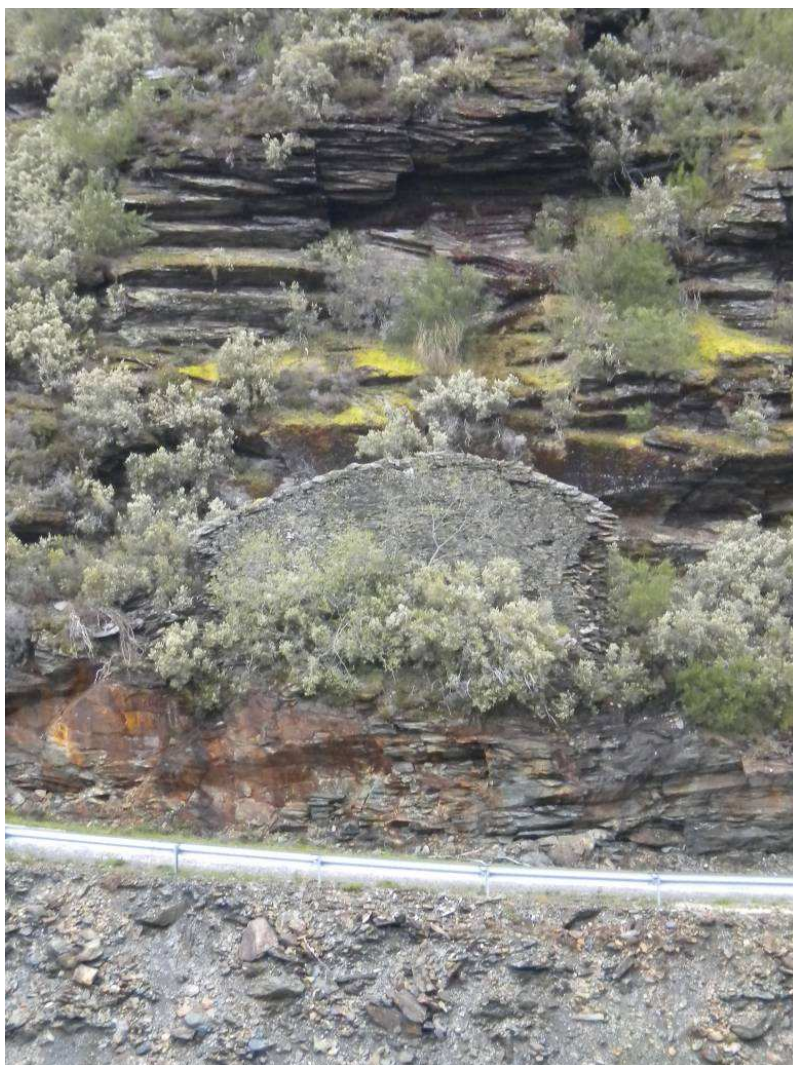


Figura 14. Alvar de Seceda IV, afectado pelo alargamento de uma estrada (fotografia de Lois Ladra).

O estado de conservação actual dos *alvares* de Seceda é muito heterogéneo, embora exista uma clara relação directa, proporcional, entre o seu uso activo e uma melhor preservação da estrutura. Porém, nos muros apiários abandonados observa-se um processo de progressiva deterioração, com paredes inclinadas e desmoronadas. Para além disto, o principal factor de impacte negativo sobre os *alvares* é a acção humana, especialmente pelo alargamento de estradas, provocando danos gravíssimos.



Figura 15. Construção sub-circular do Castro de Sobredo. Foto: Lois Ladra.

Sobre a origem histórica dos *alvares* de Seceda bem pouco é o que podemos afirmar. Em termos estritamente arquitectónicos, as analogias formais existentes entre estes *alvares* e algumas construções do castro galaico-romano de Sobredo (ss. II-IV d. C.) resultam evidentes, sem que pretendamos com isso estabelecer qualquer tipo de filiação histórica ou genética entre ambas.

Desconhecemos a eventual existência de documentação medieval relativa a estes muros apiários e unicamente nos textos do século XVIII aparecem determinadas menções às colmeias,

mas nunca aos muros apiários. Dos meados desta centúria data o denominado *Interrogatorio General do Catastro del Marqués de La Ensenada*, o qual consiste basicamente num conjunto de respostas que os padres recolheram em todas e cada uma das freguesias inquiridas.

Até ao momento actual, considerava-se que as Terras dos Ancares, também localizadas nas Serras Orientais, eram a região da Galiza com maior número de colmeias nos meados do século XVIII. Concretamente, para o território jurisdicional de Návía de Suarna constava a existência por volta de 1752 de 3.282 *trobos* repartidos entre 396 proprietários dos 824 vizinhos recenseados em dezassete freguesias (GONZÁLEZ, 1989, 1991 e 1997), o que oferece uma média de aproximadamente 193 colmeias por freguesia, mais de oito colmeias por proprietário e quase quatro colmeias por vizinho.

Se tentarmos efectuar cálculos semelhantes para as Terras do Caurel (cfr. <http://pares.mcu.es/Catastro/servlets/ServletController?ini=0&accion=0&mapas=0&tipo=0>), temos que para o território jurisdicional do Caurel contabilizaram-se oficialmente um total de 4.903 colmeias, distribuídas por sete freguesias da seguinte maneira: Esperante, 20 (2 proprietários, 56 vizinhos); Folgoso, 1588 (57 proprietários, 144 vizinhos); Meiraos, 180 (18 proprietários, 89 vizinhos); Noceda, 70 (12 proprietários, 53 vizinhos); Pacios da Serra, 489 (14 proprietários, 33 vizinhos); Seceda, 585 (37 proprietários, 45 vizinhos); Seoane, 209 (18 proprietários, 114 vizinhos); Vilamor, 1762 (68 proprietários, 94 vizinhos). Isto soma um total de 4.903 colmeias repartidas entre 226 proprietários dos 628 vizinhos recenseados em apenas sete freguesias, o que oferece uma média de aproximadamente 700 colmeias por freguesia, 22 colmeias por proprietário e quase oito colmeias por vizinho. Isto supõe, em relação com a jurisdição de Návía de Suarna, que a do Caurel teria uma média de mais do triplo de colmeias por freguesia, de quase o triplo de colmeias por proprietário e do dobro de colmeias por vizinho. Em termos de superfície, Návía teria 14 colmeias/km² e Caurel 25 colmeias/km².

6. Conclusões

Os muros apiários da Galiza contam com uma dilatada história, variedade formal, toponímia e historiografia. Para além disto, ao longo destes últimos quinze anos tem proliferado a publicação de monografias específicas sobre os muros apiários do noroeste peninsular, especialmente as

relativas ao Principado das Astúrias (LÓPEZ, 1994) e à Província de Leão (PÉREZ, 1994; DÍAZ, 2008). Unicamente a Galiza e o Norte de Portugal estão à espera de cobrir as lacunas na investigação global deste fenómeno por grandes áreas geográficas e culturais.

O mel da Galiza já é louvado pela sua magnífica qualidade nas crónicas do século X, isto é, há mais de mil anos, razão pela qual não resulta surpreendente que desde o ano 1989 conte com a correspondente indicação de origem protegida e conselho regulador. Para além disto, a moderna apicultura foi introduzida na Península Ibérica por um lucense: Benigno Ledo, primeiro catedrático de apicultura (RIVAS, 2009: 80).

Nas Serras Orientais constata-se a existência de várias centenas de muros apiários, formando provavelmente a região europeia com maior quantidade e densidade de *alvares*, *alvarizas* e *cortins* ou *cortiños*. A presença milenar do urso nestas terras gerou a necessidade de proteger artificialmente as colmeias com altos e grossos muros que impediram o acesso ao mel. Um mel considerado pelo escritor Ánxel Fole como o melhor da Galiza. Para a construção destas estruturas os apicultores optaram por aproveitar inteligentemente as possibilidades que lhes ofereciam os recursos naturais locais, em forma de pedra (xisto), madeira (carvalho ou castanheiro) e casca vegetal (*cortizo* de sobreiro).



Figura 16. Diversos tipos de colmeias tradicionais do Caurel: *trobos*, *cortizos* e *covos* (fotografias de Lois Ladra).

As colmeias tradicionais mostram formas, materiais e tipologias diferenciados: são os *trobos*, os *cortizos/cortezos* e os *covos*, muitos deles ainda hoje *emborreados* de bosta no topo e com pequenas *abelladeiras* ou orifícios na base que servem de acesso para as abelhas. As nomenclaturas por vezes misturam-se, oferecendo curiosas formas, como a de *trobos de cortezo*.

Actualmente, as Terras do Caurel e o *Val de Abellas* encontram-se submetidas a um forte processo de retrocesso demográfico, com devastadoras conseqüências para a preservação de uma cultura tradicional que não encontra o seu sítio no contexto da globalização universal. A este fenómeno não é alheia em absoluto a freguesia de Seceda, embora a possibilidade de que esta região seja declarada no futuro como *Parque Natural* bem poderia contribuir para uma recuperação integral que permitiria preservar para os vindouros o seu magnífico património natural e cultural.

Bibliografía

AA. VV. (2000-10): ***A Candea. Revista do Caurel***. Folgoso do Caurel, Asociación “Fonte do Milagro”.

AA. VV. (2003): ***A terra e os homes. Fotografias de Walter Ebeling (1928-1933)***. Lugo, Deputación Provincial.

AA. VV. (2009): ***Unha mirada de antano. Fotografias de Ruth Matilda Anderson en Galicia***. A Coruña, Fundación Caixa Galicia.

ALONSO DEL REAL, Carlos (1983): “**Notas etnográficas de O Courel**”, *Boletín do Museo Provincial de Lugo*, n.º 1, pp. 131-136.

ÁLVAREZ NÚÑEZ, A. (1995-96): “**Castro da Torre (Sobredo, O Caurel). Informe de la intervención arqueológica de 1993**”, *Boletín do Museo Provincial de Lugo*, n.º 7 (2), pp. 9-32.

ANDRADE, José Manuel (1995): ***O tombo de Celanova***. Tomo II. Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega.

ARIAS VILAS, Felipe (1983): “**Apéndice.- Outros datos arqueolóxicos e etnográficos do Courel**”, *Boletín do Museo Provincial de Lugo*, n.º 1, pp. 137-140.

BAS, Begoña (1980): ***Construcións populares galegas***. Corunha, Bankunión.

BAS, Begoña (1983): ***As construcións populares: un tema de etnografía en Galicia***. Sada, Edicións do Castro, Col. “Cuadernos do Seminario de Sargadelos”, n.º 44.

CABEZA QUILES, Fernando (2008): **Toponimia de Galicia**. Vigo, Editorial Galaxia, Col. "Guías AZ".

CARRERAS i CANDI, F. (s. d.) [Ca. 1927]: **Geografía General del Reino de Galicia**. Barcelona, Casa editorial Alberto Martín [existe uma edição facsimilada, publicada em Bilbau pela Editorial La Gran Enciclopedia Vasca no ano 1980].

COROMINAS, Joan (2000): **Breve diccionario etimológico de la lengua castellana**. 3.^a Ed., 10.^a Reimpr. Madrid, Editorial Gredos, Col. "Biblioteca Románica Hispánica", V. Dictionarios, n.º 2.

DÍAZ OTERO, Manuel Ernesto (2008): **Los colmenares tradicionales y el oso pardo en el norte de Castilla y León**. Valhadolid, Fundación Patrimonio Natural de Castilla y León.

FERNÁNDEZ GONZÁLEZ, José Ramón (1978): **Etnografía del Valle de Ancares**. Santiago de Compostela, USC, Col. "Verba. Anexos", n.º 10.

GARCÍA GRINDA, José Luís (2005): "Función y forma: la arquitectura auxiliar agropecuaria leonesa", em AA. VV., *La arquitectura tradicional en tierras de León*, pp. 9-96. Leão, Fundación Hullera Vasco-Leonesa.

GARCÍA LEAL, Alfonso (2008): **El diploma del Rey Silo**. Corunha, Fundación Pedro Barrié de la Maza, Col. "Galicia histórica".

GONZÁLEZ PÉREZ, Clodio (1989): **Apicultura tradicional no concello de Navia de Suarna (Lugo)**. Lugo, Deputación Provincial.

GONZÁLEZ PÉREZ, Clodio (1991): **Aproximación etnográfica á cultura material da montaña lucense: notas históricas e situación presente, publicada como Antropología y etnografía de las proximidades de la sierra de Ancares**. Vol. II. 1.^a Ed. Lugo, Deputación Provincial [Existe uma edição facsimilada, publicada pelo mesmo editor no ano 2000].

GONZÁLEZ PÉREZ, Clodio (1997): "Os animais domésticos", em Francisco Rodríguez Iglesias (Dir.), *Galicia. Antropoloxía*, tomo XXIV, pp. 246-325. Corunha, Hércules de Ediciones.

GONZÁLEZ PÉREZ, Clodio (2010): "O Courel de Uxío Novoneyra: achegamento á cultura popular", *Raigame*, n.º 32, pp. 79-94.

GONZÁLEZ REBOREDO, Xosé Manuel e GONZÁLEZ PÉREZ, Clodio (1996): **Sociedade e tecnoloxía tradicionais do Val de Ancares**. Santiago de Compostela, Consello da Cultura Galega.

KRÜGER, Fritz (1947): **El léxico rural del Noroeste Ibérico**. Madrid, Revista de Filología Española, Anejo XXXIV [Original redigido em 1927].

KRÜGER, Fritz (1949): “**Las brañas. Contribución a la historia de las construcciones circulares en la zona astur-galaico-portuguesa**”, *Boletín del Instituto de Estudios Asturianos*, n.º 8, pp. 41-94 + Láms. [Trabalhos de campo realizados em 1927].

LABRADA, Lucas (1804): **Descripcion economica del Reyno de Galicia**. Ferrol, Imprenta de Don Lorenzo José Riesgo Montèro [Reed. 1971, Ed. Galaxia, Vigo].

LLANO, Pedro de (1983): **Arquitectura popular en Galicia**. Tomo II. Santiago de Compostela, Colexio Oficial de Arquitectos de Galicia.

LÓPEZ ÁLVAREZ, Xuaco (1994): **Las abejas, la miel y la cera en la sociedad tradicional asturiana**. Uviéu, Real Instituto de Estudios Asturianos.

LÓPEZ POMBO, Luís (1993): **O Courel y su comarca**. 1.ª Ed. Lugo, Deputación Provincial [Existe uma 2.ª ed. do ano 2006].

LORENZO, Xaquín (1962): **Etnografía. Cultura material**. [Tomo II da *História de Galiza* dirigida por Ramón Otero Pedrayo]. Buenos Aires [existe uma edição facsimilada, publicada em Madrid por Akal Editor no ano 1979].

LUZÓN NOGUÉ, José María et al. (1980): **El Caurel**. Madrid, Ministerio de Cultura, Col. “Excavaciones arqueológicas en España”, n.º 110.

MADOZ, Pascual (1845): **Diccionario Geografico-Estadístico-Historico de España y sus posesiones de Ultramar**. Madrid [Existe uma edição facsimilada para a Galiza, publicada em Santiago de Compostela pela Editorial Breogán no ano 1986].

MORALEJO, Abelardo; Torres, C. e Feo, J. (1998): **Liber Sancti Jacobi “Codex Calixtinus”**. Santiago de Compostela, Xunta de Galicia.

MORALEJO LASSO, Abelardo (1977): **Toponimia gallega y leonesa**. Santiago de Compostela, Editorial Pico Sacro, Col. "Biblioteca de bolsillo", n.º 14.

MARIÑO FERRO, Xosé Ramón (2000): **Antropoloxía de Galicia**. Vigo, Edicións Xerais de Galicia, Col. "Universitaria manuais", n.º 3.

NAVEIRAS ESCANLAR, José; LÓPEZ ÁLVAREZ, Juaco e GRAÑA GARCÍA, Armando (1991): **Museo Etnográfico de Grandas de Salime. Guía del visitante**. Grandas de Salime, Museo Etnográfico, Col. "Publicaciones etnográficas del Museo Etnográfico de Grandas de Salime", n.º 5.

NOMENCLÁTOR (2003): **Nomenclátor de Galicia. Toponimia oficial das provincias, concellos, parroquias e lugares**. Santiago de Compostela, Xunta de Galicia.

PARADA JATO, Jesús Alfonso (2007): **Usos, costumes e cousas do Courel**. Noia, Editorial Toxosoutos, Col. "Divulgación e ensaio".

PÉREZ CASTRO, Fidela (1994): **Los colmenares antiguos en la provincia de León**. León, Ediciones Leonesas, Col. "León", n.º 13.

REAL, Carlos Alonso del (1983): "Notas etnográficas de O Courel", *Boletín do Museo Provincial de Lugo*, n.º 1, pp. 131-140.

RIVAS, Elígio (2009): **Mel e cera. O aceite**. Ourense, Gráficas Orensanas, Col. "Léxico rural do noroeste hispano", n.º 13.

SANPEDRO FERNÁNDEZ, Andrés (2003): "Construcciones rurales en piedra seca de Galicia", *Zahora*, n.º 38 (2), pp. 859-883.

SOEIRO, Teresa (2006-07): "Em busca do doce sabor", *Portugália*, Nova Série, vol. XXVII – XXVIII, pp. 119-158.

VARELA SIEIRO, Xaime (2008): **Léxico cotián na Alta Idade Media de Galicia: a arquitectura civil**. Santiago de Compostela, USC, Col. "Verba", Anexo n.º 62.